

FÁBULA – Paulo Franchetti

Um cavaleiro percorre um caminho que não sabe qual seja. Até a pata do cavalo amassar o talo tenro da grama, aquele espaço do mundo é apenas um campo aberto sob o sol. Desde que a ferradura deixe a sua marca, e que o talo se erga, depois, macerado ou quase partido, já passa aquela miúda circunscrição do espaço a ser uma etapa. Nela se inscreve desde logo o destino. E o fausto ou o trágico do que ainda está por vir contaminam para sempre (enquanto houver memória do gesto) aquele trecho de natureza, antes inerte. Se o cavaleiro morrer em combate, ou sucumbir a um filtro de veneno ou perder a razão por obra do amor, o que houver terá tido a contribuição daquele talo de grama, da poça de água que o cavalo atravessou, distraído, salpicando de barro os estribos brilhantes, do tronco oco onde se esconde um grupo de coelhos e que ronca, cavo, quando o coto da lança se apoia ali, na breve hora do descanso. O cavaleiro, esse, leva um pendão. Não tem, entretanto, dama. Tem uma vaga ideia; ou melhor, o desejo de que ao pendão corresponda, no final da história, uma dama ideal. A lenda pode começar em qualquer ponto. Neste, por acaso: o cavaleiro chega a um jardim de espelhos. Para toda direção que olhe, nada se oferece à vista. São milhares de espelhos. As árvores refletidas e as árvores reais exibem os mesmos frutos. As mesmas folhas recebem o reflexo do sol e o reflexo do reflexo do sol. E também o reflexo das folhas recebe o reflexo de outras folhas como se fosse o reflexo próprio da luz do sol. O cavaleiro olha para um lado e para outro. Não entende como não se vê a si mesmo nos espelhos, e então conclui que é porque ainda não tem dama ou feito valoroso, porque ainda não encontrou o que julgava que era o seu destino. Sem destino, sem imagem, sem caminho, sem nada. É assim que pensa, enquanto senta sobre a sela que retira do lombo do cavalo. Este, pastando, logo se multiplica e está embaixo de cada árvore, e é tão real nas imagens todas, que o cavaleiro, se dele precisasse, já não saberia para onde atirar o laço. Mas ele não precisa do cavalo. Retira a armadura, que coloca sobre a lança. Retira a cota de malha, que estende sobre o chão. Depois, o resto da roupa. Nu, deita-se sobre a grama e observa que nem assim se reflete nos espelhos. Nem a roupa, que é como se não existisse. Enquanto olha a copa das árvores, pensa em como seria se a sua dama aparecesse ali. Ou o adversário digno de esforços. Como eles se multiplicariam nos espelhos e como, falando com uns, julgaria falar com outros, e falando com outros, já não saberia com quem falaria. Ainda pensa que, por fim, não haveria dama. O seu destino afinal seria apenas estar entre os espelhos que multiplicavam as árvores, o sol e o voo rápido dos pássaros entre os galhos. Seria esse afinal o adversário, a multiplicação diminuída até o infinito da distância muitas vezes refletida? Nada lhe acontece ali, entretanto, onde se demora. Por isso, cingindo o manto que cobre as costas da armadura, com ele faz uma estamena, um hábito, uma roupa leve e perfeita para caminhar. Reconhece, num girar de olhos, os passos do caminho. Deixando tudo ali, sem olhar de novo para cima ou para trás, busca os talos de grama, o tronco onde se escondiam os coelhos, a poça de água e os outros acidentes do percurso. Esses agora se revestem de verdade palpável. Há um caminho de volta. Por isso, confortado, lentamente se põe a regressar.